

**O PALCO DO INCONSCIENTE: ARQUÉTIPOS DA SOMBRA E DO SELF NO
VIDEOCLÍPE DISEASE DE LADY GAGA**

**THE STAGE OF THE UNCONSCIOUS: ARCHETYPES OF SHADOW AND SELF IN LADY
GAGA'S "DISEASE" MUSIC VIDEO**

**EL ESCENARIO DEL INCONSCIENTE: ARQUETIPOS DE LA SOMBRA Y DEL YO EN
EL VIDEO MUSICAL "DISEASE" DE LADY GAGA**



10.56238/revgeov17n1-019

Karoline Paulino de O. Paixão

Graduanda em Psicologia

Instituição: UniMT - Faculdades Integradas

E-mail: karolinepaulinopaixao@gmail.com

Lattes:

https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=DC9E04B748F5B461DA2E171DC760D037#

Vanessa Jascovski Dias

Graduanda em Psicologia

Instituição: UniMT - Faculdades Integradas

E-mail: jascovskivanessa@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6698942632938430>

Patric Vasconcelos dos Santos

Especialista em Psicologia Analítica

Instituição: IMCP

E-mail: patricvas@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4104-1371>

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar a obra "Disease", de Lady Gaga, presente no álbum *Mayhem* (2025). O foco recai sobre uma leitura junguiana, destacando uma narrativa marcada pela fragmentação do eu, pelo sofrimento psíquico e pelo confronto com forças internas. O videoclipe expõe conteúdos reprimidos, dores e aspectos negados da personalidade que emergem do inconsciente, conduzindo a um encontro direto com a própria sombra. São apresentados os arquétipos da sombra e do self, imagens simbólicas e corporais associadas a feridas, destruição e transformação, revelando, por meio do caos e da vivência do conflito interno, a necessidade de reconhecer e elaborar esses conteúdos sombrios como caminho para a totalidade psíquica.

Palavras-chave: Disease. Mayhem. Inconsciente. Sombra. Self. Arquétipos.



ABSTRACT

This article aims to analyze Lady Gaga's work "Disease," from the album Mayhem (2025). The focus is on a Jungian perspective, highlighting a narrative marked by the fragmentation of the self, psychic suffering, and confrontation with internal forces. The music video exposes repressed content, pain, and denied aspects of the personality that emerge from the unconscious, leading to a direct encounter with one's own shadow. It presents the archetypes of the shadow and the self, symbolic and bodily images linked to wounds, destruction, and transformation, revealing, through chaos and the experience of internal conflict, the need to recognize and elaborate these dark contents as a path to psychic wholeness.

Keywords: Disease. Mayhem. Unconscious. Shadow. Self. Archetypes.

RESUMEN

Este artículo analiza la obra "Disease" de Lady Gaga, del álbum Mayhem (2025). Se centra en una lectura junguiana, destacando una narrativa marcada por la fragmentación del yo, el sufrimiento psíquico y la confrontación con fuerzas internas. El videoclip expone contenido reprimido, dolor y aspectos negados de la personalidad que emergen del inconsciente, lo que lleva a un encuentro directo con la propia sombra. Se presentan los arquetipos de la sombra y del yo —imágenes simbólicas y corpóreas asociadas con heridas, destrucción y transformación—, revelando, a través del caos y la experiencia del conflicto interno, la necesidad de reconocer y elaborar estos contenidos oscuros como camino hacia la plenitud psíquica.

Palabras clave: Enfermedad. Caos. Inconsciente. Sombra. Yo. Arquetipos.



1 INTRODUÇÃO

O álbum *Mayhem* (2025), de Lady Gaga, apresenta uma estética marcada pelo caos, pela fragmentação e pela fusão entre vulnerabilidade e poder, elementos que dialogam diretamente com os conceitos junguianos da sombra e do self. Na perspectiva da Psicologia Analítica, é possível articular essa produção artística com a técnica terapêutica *Sandplay*, também conhecida no Brasil como *Jogo de Areia*, criada por Dora Kalff, psicóloga analítica. Essa técnica pode ser compreendida como manifestação do inconsciente pessoal e coletivo, permitindo que conteúdos psíquicos profundos e emoções reprimidas se expressem de forma simbólica e lúdica, como ocorre, de modo análogo, nas performances e narrativas visuais de Lady Gaga. Segundo Jacobi (1990), a criação simbólica possibilita que conteúdos profundos sejam representados imagetivamente, favorecendo a autorregulação psíquica. Nesse sentido, *Mayhem* pode ser compreendido como um campo simbólico no qual a artista elabora conflitos internos e externaliza aspectos que fazem parte da sua jornada psicológica. Jung (1964) afirma que o encontro com a sombra constitui um passo fundamental no processo de individuação, entendido como o movimento pelo qual o sujeito torna aquilo que verdadeiramente é. Para Jung (1976), esse processo não ocorre de maneira linear, mas é marcado por confrontos, rupturas e renascimentos, elementos presentes tanto na estética quanto nas narrativas musicais da obra.

O presente artigo tem como foco o videoclipe “*Disease*”, primeira produção audiovisual do álbum *Mayhem* (2025), no qual Lady Gaga apresenta uma intensa exibição artística que explora temas relacionados ao trauma, à luta interna e à busca pela cura emocional. O videoclipe ultrapassa a simples narrativa musical, abrindo espaço para reflexões acerca de feridas invisíveis que atravessam a experiência humana. Para fundamentar essa análise, recorre-se à obra *Trauma: epidemia invisível* (2022), do médico psiquiatra Paul Conti, cujo prefácio foi escrito por Lady Gaga, oferecendo um panorama sobre os impactos do trauma na saúde mental e sobre a importância do enfrentamento como caminho para a reconstrução do self.

A abordagem adotada por Lady Gaga no videoclipe evidencia conceitos psicológicos ligados ao autoconhecimento e à integração de aspectos sombrios da personalidade. Tanto na obra audiovisual quanto em seus relatos autobiográficos, a artista revela uma trajetória marcada pela aceitação e resistência diante das adversidades emocionais. Dessa forma, “*Disease*” convida o público à introspecção sobre temas universais de vulnerabilidade e força, configurando-se como uma produção artística inovadora e impactante, capaz de mobilizar o olhar do sujeito para sua própria dinâmica psíquica.



2 SANDPLAY

O método do Sandplay, desenvolvido por Dora Kalff (1980), estabelece um campo protegido e silencioso no qual o inconsciente encontra vias de expressão por meio de imagens simbólicas. Em uma bandeja de areia, o indivíduo constrói cenas utilizando miniaturas, permitindo que gestos, escolhas e arranjos espaciais se tornem pontes entre o que está oculto e o que pode ser reconhecido. Jung (1959) afirmava que conteúdos autônomos do psiquismo se manifestam através de símbolos; o Sandplay, nesse sentido, funciona como o cenário ideal para essa emergência simbólica.

A técnica, enquanto método expressivo não verbal, dispensa inicialmente qualquer interpretação racional, oferecendo um espaço criativo e resguardado onde complexos, conflitos e aspectos dissociados da personalidade podem surgir de forma espontânea. Pesquisas como Weinrib (1983), Ammann (1991) e Kalff (1991) demonstram que as cenas construídas na areia condensam conteúdos reprimidos, elementos da sombra e partes ainda não integradas do self. Carey (2016) complementa que essa dinâmica promove ampliação da consciência e favorece processos profundos de reorganização psíquica.

No Sandplay, imagens arquetípicas frequentemente emergem como expressões visíveis da sombra, permitindo que o sujeito entre em contato com fragmentos internos que normalmente permanecem à margem da consciência. Esse movimento simbólico impulsiona o processo de individuação, transformando o material interno em algo concreto e observável. Kalff (1980) destaca que o Jogo de Areia “não é apenas um método de terapia, mas um meio ativo através do qual os conteúdos da imaginação são feitos reais e visíveis”, operando como uma representação tridimensional do drama psíquico em curso.

Nesse contexto, o videoclipe “Disease” dialoga diretamente com a lógica do Sandplay ao tornar visíveis estados internos caóticos, fragmentados e densamente simbólicos. Assim como na bandeja de areia, o videoclipe projeta conflitos e imagens da sombra para um espaço externo onde podem ser vistos, elaborados e reinterpretados. Essa transposição de conteúdos do mundo interior para uma linguagem visual concreta constitui o ponto de partida para transformações psíquicas profundas, alinhando-se ao princípio fundamental do Sandplay: permitir que o inconsciente fale em sua própria linguagem para que o eu possa reorganizar-se.

3 BRANCA DE NEVE

Branca de Neve funciona como uma matriz simbólica potente para entender esse jogo corporativo interno entre o eu consciente, cheio de metas, entregáveis e pose de gestor emocional, e os conteúdos reprimidos que ficam operando na surdina. No conto, a madrasta não é apenas uma vilã ornamentada; ela é a personificação da Sombra, esse departamento psíquico que vive operando off-budget, acumulando inveja, controle e projeções do que se recusa a admitir em si mesma. Essa lógica



espelha o movimento dramatizado em “Disease”, onde forças internas negadas finalmente sobem para a mesa de reunião e exigem ser vistas.

O espelho, peça central do conto, age como um KPI implacável do ego: um ponto de auditoria simbólica onde identidades desconfortáveis escapam da embalagem bonita e aparecem sem filtro. Cada resposta do espelho é uma quebra de narrativa, uma convocação para olhar aquilo que o eu consciente preferia mandar para arquivo morto.

A queda de Branca de Neve no “sono profundo”, provocada pela maçã, funciona como um shutdown psíquico — um colapso temporário do ego que força a personagem a descer ao porão do inconsciente. Esse mergulho, que à primeira vista parece derrota, abre espaço para uma reestruturação estratégica da psique, um reequilíbrio que só acontece quando o sistema para de resistir. Jung mapeia esse movimento com precisão cirúrgica ao afirmar que “todo processo de individuação começa com o confronto direto com a sombra” (Jung, 1959, p. 284).

De forma muito semelhante, o videoclipe trabalha essa morte simbólica como gatilho de transformação: aquilo que parecia fim vira reboot, permitindo que aspectos fragmentados finalmente conversem e caminhem em direção ao Self — essa instância mais integrada e lúcida do psiquismo.

Nesse sentido, o conto de Branca de Neve opera como um blueprint arquetípico: um roteiro ancestral que ilumina ciclos de enfrentamento, queda, ruptura e renascimento. Ao ser colocado em diálogo com Disease, esse mapa ajuda a entender como a narrativa de Lady Gaga dramatiza, com força estética e visceralidade emocional, o mesmo percurso de desvelamento e reintegração. É como se o conto e a obra conversassem no backstage do inconsciente, alinhando estratégia e simbolismo para mostrar que toda transformação real passa por esse encontro corajoso — e inevitável — com o que estava escondido.

4 ARTE, INCONSCIENTE E EXPRESSÃO DA SOMBRA

A arte acompanha a humanidade como expressão simbólica do inconsciente, revelando desejos, medos, afetos, memórias e conteúdos não integrados à consciência, como afirma Jung (1991). Ela funciona como um terreno intermediário onde aquilo que não chega ao ego encontra via de expressão. Nesse sentido, o videoclipe “Disease”, de Lady Gaga, atua como espaço imagético em que a sombra ganha corpo. A sombra, na psicologia analítica, corresponde a tudo o que foi rejeitado, negado ou ainda não reconhecido pela consciência. Não é essencialmente negativa; é autônoma, viva e dinâmica. As múltiplas figuras do videoclipe espelham essa fluidez interna, dramatizando conflitos psíquicos e a tensão entre aspectos contraditórios que pedem reconhecimento. A arte, portanto, torna-se espelho, porta de entrada e dispositivo de visibilidade para conteúdos psíquicos que exigem diálogo com o ego.



5 ANÁLISE SIMBÓLICA DAS IMAGENS NO VIDEOCLÍPE

No videoclipe de “Disease”, dirigido por Tanu Muino, Lady Gaga encena múltiplas versões de si mesma em um confronto visceral e caótico, simbolizando a emergência autônoma da sombra. Cenas icônicas incluem uma Gaga mascarada em traje preto de látex atropelando outra versão de si na rua, representando a repressão brutal e o choque com aspectos negados da personalidade; brigas corporais intensas entre as “Gagas”; ilustrando a tensão interna e o conflito psíquico; o vômito de uma substância preta (bile), que expulsa e “dá à luz” uma nova figura, evocando purgação simbólica e renascimento; paredes se fechando ao redor dela, materializando a claustrofobia dos “demônios internos” mencionada pela artista. Essas imagens corporais de feridas, destruição e fragmentação levam à resolução final, quando Gaga caminha adiante, integrando essas partes sombrias em direção à totalidade do self.

6 LADY GAGA E BRANCA DE NEVE: NARRATIVAS SIMBÓLICAS DO CONFLITO INTERNO

A narrativa imagética de Gaga dialoga diretamente com a leitura simbólica dos contos de fadas proposta por von Franz (1981). Em Branca de Neve, a relação entre a rainha e a princesa representa a cisão psíquica entre aquilo que o ego aceita e aquilo que rejeita. A rainha encarna o controle rígido e a persona inflada; Branca encarna a vitalidade, espontaneidade e autenticidade que foram reprimidas. A maçã simboliza sedução psíquica e alívio ilusório (Diário de símbolos, 2008), levando à paralisia, imagem da estagnação produzida pelo excesso de controle. Bettelheim (1976) mostra que o sono nos contos é suspensão psíquica; o despertar simboliza retorno e reintegração de partes rejeitadas. Esse movimento é paralelo ao que Gaga encena: a sombra não é expulsa, mas reconhecida, movimentada, confrontada. Sua entrevista (Reynolds, 2024)

reforça esse ponto ao mencionar a claustrofobia diante dos próprios “demônios internos”. As narrativas simbólicas, seja o videoclipe, o conto de fadas ou a fala autobiográfica, dramatizam o mesmo processo interno: o retorno do que foi negado e o convite para integração.

A sombra como tecido psíquico vivo, autônomo e transformador Jung (1981) descreve a sombra como parte não reconhecida do Self, tecida de energia própria, formada por instintos, afetos e conteúdos que preferimos negar — raiva, inveja, ódio, impulsos e vitalidades reprimidas (Instituto de Psicologia da USP, 2020).

Essa sombra não é um reservatório estático, mas um movimento contínuo. Ignorá-la não a dissolve; intensifica sua força, como aparece tanto no conto da rainha obcecada quanto na experiência relatada por Gaga. Quando Jung (1991) diz que o que rejeitamos retorna com mais força, ele aponta justamente para esse mecanismo psíquico: a sombra busca reconhecimento. E, ao buscar expressão, não o faz para destruir o ego, mas para restaurar o equilíbrio interno. As imagens simbólicas, surgindo seja na arte, nos contos ou nas fantasias pessoais, têm função transformadora crucial, como indica Jung



(1964). Elas revelam tensões internas, condensam contradições e permitem que o indivíduo veja o que se movia na penumbra.

7 INTEGRAÇÃO, CURA E PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

A assimilação da sombra, segundo Jung (1959), não acontece por repressão, mas por enfrentamento honesto daquilo que o ego tenta evitar. Contos de fadas (von Franz, 1981) e narrativas míticas (Bettelheim, 1976) dramatizam esse confronto para torná-lo compreensível e simbolicamente elaborado. Tanto o videoclipe quanto o Sandplay mostram que o contato com a sombra gera desconforto, mas inaugura movimento de cura. À medida que imagens internas são reconhecidas, abre-se espaço para reorganização emocional e expansão psíquica. Kalff (1980) afirma que é no surgimento espontâneo dessas imagens que a cura começa, pois o inconsciente apresenta o que precisa ser acolhido. Esse processo corresponde ao caminho da individuação descrito por Jung (1951): tornar-se quem se é, integrando dimensões luminosas e sombrias da psique, permitindo que a vida interna recircule com autenticidade.

8 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e abordagem interpretativa. O estudo realiza uma análise simbólica do videoclipe Disease, relacionando seus elementos visuais e emocionais aos conceitos junguianos de sombra e self. A interpretação baseia-se em obras da Psicologia Analítica, artigos científicos e estudos sobre contos de fadas, especialmente as leituras simbólicas de Branca de Neve. A partir desse material, o método busca compreender como a estética do videoclipe expressa processos de integração psíquica por meio da narrativa, da música e da imagem.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo analisa o videoclipe disease, de Lady Gaga, a partir dos conceitos junguianos do arquétipo da sombra e do self, evidenciando como obra expressa os conflitos psíquicos, e a fragmentação do eu e os processos de integração da personalidade. A estética do clipe é interpretada como uma manifestação simbólica de conteúdos reprimidos, que emergem para convocar a consciência ao confronto necessário para o processo de individuação. A análise dialoga com o método terapêutico Sandplay, de Dora Kalff, evidenciando como imagens simbólicas funcionam como vias de expressões do inconsciente. Também se articulam os temas do videoclipe às reflexões sobre o trauma e cura emocional discutidas por Paul Conti (2022). Conclui-se que Disease traduz visualmente a travessia psíquica entre dor, confronto e transformação, oferecendo uma narrativa artística que estimula o reconhecimento e a integração da sombra.



REFERÊNCIAS

- Ammann, R. (1991). Healing and transformation in sandplay: Creative processes becoming conscious. Open Court.
- Bettelheim, B. (1976). A psicanálise dos contos de fadas. Paz e Terra. Campbell, J. (1949). O herói de mil faces. Pensamento.
- Carey, L. J. (2016). Sandplay therapy in vulnerable communities: A Jungian approach. Routledge.
- Conhecendo Jung. (s.d.). A sombra. Conhecendo Jung. <https://conhecendojung.com.br/a-sombra/>
- Conti, P. (2022). Trauma: A epidemia invisível - Compreender, tratar e prevenir as feridas emocionais. Nascente.
- Diário de Símbolos. (2008). Dicionário de símbolos: 4.000 símbolos e temas mitológicos, históricos e culturais. <https://www.dicionariodesimbolos.com.br>
- Franco, A., & Pinto, E. B. (2003). O mágico Jogo de Areia em pesquisa. Psicologia USP, 14, 91-114.
- Instituto de Psicologia da USP. (2020, 14 de setembro). Todos temos um “lado sombra” da personalidade: o que é e como lidar com ele. IP-USP. <https://www.ip.usp.br/site/noticia/todos-temos-um-lado-sombra-da-personalidade-o-que-e-e-como-lidar-com-ele/>
- Jacobi, J. (1990). Complexo, arquétipo, símbolo: Na psicologia de C. G. Jung (M. L. J. Nicolau, Trad.). Cultrix.
- Jung, C. G. (1959). Aion: Researches into the phenomenology of the self (Vol. 9, Part II). Princeton University Press. (Obra original publicada em 1951)
- Jung, C. G. (1981). Aion: Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo (Obras completas, Vol. 9/2). Vozes.
- Jung, C. G. (1991). O eu e o inconsciente. In C. G. Jung, Obra completa (Vol. 7/2: Dois escritos sobre psicologia analítica). Vozes.
- Kalff, D. M. (1980). Sandplay: A psychotherapeutic approach to the psyche. Cloverdale Books.
- Kalff, D. M. (1991). Introduction to sandplay therapy. Temenos Press.
- Reynolds, A. (2024, 30 de outubro). Lady Gaga explains personal ‘Disease’ lyrics and music video meaning. Capital FM. <https://www.capitalfm.com/news/music/lady-gaga-disease-lyrics-meaning/>
- Von Franz, M.-L. (1981). A interpretação dos contos de fadas (M. E. S. Barbosa, Trad.). Achiamé.

